ANO XIX — N.º 481 — Preço 1$00
18 DE AGOSTO DE 1962

Setúbal

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Oficinas: CASA DO GAIATO — Paço de Sousa
Fundador: **PADRE AMÉRICO**
Director e Editor: PADRE CARLOS
Propriedade da OBRA DA RUA
AVENÇA — QUINZENÁRIO

África

Escrever aqui esta crónica tem outro sabor e sobrecarrega-nos de responsabilidade.

Voltámos a descer em Luanda há doze dias, dois anos depois da primeira vez. O sentimento não foi como então, marcado pela novidade. Foi uma impressão mais profunda, quase religiosa, de quem pisa terra colorida por sangue inocente. Sangue inocente de parte a parte — que quase sempre os sujeitos das causas não são as vítimas das consequências.

Sei que na porção europeia de Portugal são relativamente poucos os que têm consciência da hora que passa. Duvido se por aqui serão muitos os que a têm. Temos qualidades notáveis e singulares entre os europeus, para permanecermos em qualquer parte do mundo. Mas também temos defeitos a emendar e pecados a redimir. Teremos medo de nos medirmos pela Verdade?... Ela é a Luz e o Caminho. Concretizou-Se em Vida há dois mil anos. Chama-se Cristo, o Mestre dos homens de boa vontade, que aprendem do Seu coração manso e humilde o segredo do Amor que realiza a Justiça — e possuem a Paz. Sem Ele não há salvação, nem na História nem para a Eternidade. Teremos medo de nos medirmos pela Verdade?

O Mundo é poderoso e está contra nós. Só uma vez se escreveu, na História e para a Eternidade, que «a vitória que vence o Mundo é a nossa Fé». De resto, dominadores efémeros que o tempo depressa reduziu a sombra tão mais tenebrosa quanto mais luz pretenderam ser. Sim, a História é uma realidade morta quando conserva a memória dos orgulhosos. A virtude que os homens de cada tempo se esforçam por realizar, só escreve a História verdadeira, a História viva, que se projecta para a Eternidade.

Teremos medo de nos medirmos pela Verdade?... Se não tivermos; se aferirmos humildemente e rectificarmos corajosamente os nossos desvios da verdade — então Angola é nossa e será nossa porque nós somos luz da Luz, vida da Vida, verdade da Verdade.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

É muito frequente ouvirmos da boca dos nossos visitantes e amigos a observação em ar de lamento «eu sei que sois pouco ajudados».

Ora uma palavrinha não fica mal sobretudo aos nossos leitores que ainda não entraram bem no conhecimento exacto da missão da Obra da Rua neste mundo, onde a injustiça, sobretudo injustiça social é tão flagrante.

Somos padres. Temos como missão estrita do nosso sacerdócio ensinar o Evangelho: chave de toda a Justiça. Ensinar com vida. O mundo não vê de outro modo. Pai Américo apercebeu-se muito cedo deste cepticismo mundano. Por isso viveu. No Fundamento da Obra vincou: «Os Padres da Rua não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada. São pobres; pobres por devoção».

Causamos escândalo e propaga-se escândalo: «Eles não precisam pois até dão aos outros». É a cegueira do mundo a cegar-se a si mesma.

Somos pobres por devoção. Não rejeitamos nada do que nos dão. Batemos às portas dos afortunados, pedimos o óbolo à viúva, muitas vezes também nos gabinetes do Estado mas não permitimos a ninguém que se nos arranque a independência que vem da nossa pobreza. Não temos uma pedra onde reclinar a cabeça. O Mestre também não. Por isso pôde pregar a sua doutrina. É por amor dela e dEle que somos Pobres. Eu tenho vivido épocas em que o peso material da vida me absorve completamente. A gente corre. Trabalha denodadamente. Anda pobremente vestido e calçado, tantas vezes mal alimentado. Mas quantos irmãos nossos não passam muito mais mal, não sofrem muito mais?!... A gente vai vê-los aos catres, às espeluncas e vem de lá com a alma abismada no seu heroísmo e confundida na própria miséria.

Eu não sei como poderíamos tornar-nos abordáveis aos Pobres, aos inferiorizados se não nos apresentássemos como eles! Eu não sei!...

Eu não sei como se faria a recuperação do rapaz da rua através do trabalho se ele não visse (os rapazes percebem tudo) a carência real do pão prá boca e a contínua aflição de quem se responsabiliza por lhes pôr a mesa.

Eu não sei como poderíamos pregar aos nossos irmãos Pobres, a sua situação de inferioridade, a sua grandeza de alma e pô-los na mente dos irmãos mais afortunados se fôssemos financiados!

Pai Américo advertiu «devem ser firmes e resistir com toda a confiança à tentação do Pecúlio *quer ele venha de dentro quer de fora. Não se pode mentir ao Espírito Santo».*

Padre Acílio

PÃO DOS POBRES

II Volume

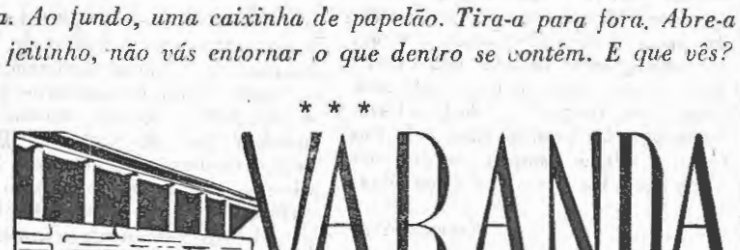
Ainda nos restam alguns exemplares. Os leitores que ainda o não possuam queiram dar suas ordens quanto antes, enquanto não se esgota.

Na semana passada, os nossos rapazes foram passar uns dias de praia para tonificar os pulmões e colher todo o bem que o mar sabe injectar a quem dele se abeira. Estive o primeiro dia por lá, mais o segundo. Torno para Beire, onde tinham ficado os mais velhos entregues da Casa. Ele é hora da ceia. Sento-me à mesa. Vem o caldo quentinho. Vai a tigela e vem logo travessa com arroz. Ora, o que havia de vir escondido entre os grãos do dito? — Pardais. Pardais em todos os pratos de todas as mesas. Uma abundância deles. Que acontecera? — Patrão fora, dia santo na loja. *Enquanto fui e vim não se fez mais nada em Beire do que apanhar pardais. E quem é o cozinheiro? Um que já foi à tropa, que vai casar em breve e que se chama António Henriques. Vejam, pois, os Senhores se podemos andar descansados por lá...*

Os chefes em nossas casas são pessoas muito importantes, mesmo consideradas. Sim, senhor. Ora, o pior é quando se vai ao quarto dos referidos senhores.

Queres vir comigo ao do Zé Maria? Olha; espreita, debaixo da cama. Ao fundo, uma caixinha de papelão. Tira-a para fora. Abre-a com jeitinho, não vás entornar o que dentro se contém. E que vês?

* * *



Não te rias que ele ofende-se. São brinquedos. Cavalinhos, pistolas, pífaros. Torna a tapar, e vamo-nos embora.

Subamos ao do Sedielos. *Ali está também bem à vista uma gaita de amolador, mais um pião e um barquinho para levar à piscina. Dir-te-á que guardou aquilo para os mais pequenos não estragarem. Mas eu digo-te, porque sei, que é mas é para ele brincar.*

Todos nós fomos crianças. E a criança ficou em nós; vai connosco pela vida fora. Mais: o Senhor quer que ela vá connosco até à outra Vida. É a condição que estabelece para nela entrarmos. O mundo é que muitas vezes rouba a criança que connosco anda e nos faz homens dele, do mundo que Deus não gosta e onde os homens se perdem, para não mais encontrarem Aquele que ama as crianças a quem destina o Seu Reino. Deixemos, pois, que estes sejam crianças!...

* * *

Ele é com codessos. É com não sei quê, que a toda a hora o Tonito mais o Chora e o Gafanhoto andam de costas vergadas a varrer o quinteiro e as ruas adjacentes.

Pois, outro dia aparecem uns senhores e miram e remiram e depois de tudo observado pergantam:

— Como é possível que os senhores aqui consigam ter isto varrido e airoso, sendo uma casa de campo?

— Varre-se quando não o está, — respondo. São eles que o fazem. E nós que o desejamos. A limpeza mais a ordem também educam. E isto é casa de educação. No lixo andavam eles. Para continuarem nele não valia a pena erguer Casas do Gaiato.

* * *

Não calha no caminho, que fica muito atrás das instalações agrícolas. Mas faço por calhar. Vou mesmo ali vezes sem conta. Gosto de ver aquele compartimento bem atulhado. Não é pelo odor pouco cheiroso que se exala. É pelo fruto que há-de resultar depois, quando o estrume sair dali para os campos, e, nestes escondido, mas actuante, fizer brotar os alimentos sadios com que se hão-de alimentar os moradores desta quinta. Por isso, quedo tantas veves a olhar o estrume em putrefacção. A meditar em como tudo isto se passa: — o que ali está. O que aos campos desce. O que dos ditos sai. O que a gente come. O que afinal somos. Na base da alimentação está o que meus olhos contemplam—o estrume, que o Armando mais o Bolacha *tão afanosamente vão retirando das camas do gado para aqui melhor curtir.*

O mundo é cartilha mal meditada, que precisamos de melhor folhear para não cairmos no orgulho. Anda aqui e vê.

Padre Baptista

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE SETÚBAL

Boníssima solidão.

Assim no-la classifica António Feliciano de Castilho num dos seus conhecidos trechos. Para comungar com o sentimento do autor ausentei-me também um pouco do convívio da família não para orar mas sim para tentar escrever alguma coisa para o «Famoso». Como sou estudante é lícito que vos fale do nosso aproveitamento escolar durante este ano que findou.

Aliás, antes de principiar a falar-vos do nosso aproveitamento, deixem-me dizer-vos que este ano as raposas não gostavam das nossas galinhas (pelo menos até à data porque ainda não acabaram de fazer os seus exames os rapazes da admissão).

Se me permitem, caros leitores, começarei cá mais atrás pelas cartas de condução e dir-vos-ei que tanto o Teixeira como o *José da Lenha* ficaram bem nos seus exames.

Das cartas de condução dou um salto para a nossa escola graças a Deus também este ano não houve raposas, portanto as snras. professoras e os rapazes estão de parabéns.

Agora vou então começar pelos snrs. estudantes e começo pelo mais novo do grupo—o *Tinhoso*. Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, assim nos diz aquele velho provérbio.

Mas voltemos ao *Tinhoso* que frequentou o 1.º ano da Escola Comercial e passou portanto para o 2.º ano.

Rogério, o mais pequeno do Lar, embora já com 14 anos (mas é preciso ver que os homens não se medem aos palmos) frequentou o 2.º ano do Liceu, fez exame e passou para o 3.º com 12 sem ficar a dever favores a ninguém.

Lisboa e *Cabanas*, os dois rivais que andam desde o primeiro ano a ver qual deles o melhor, frequentaram o 3.º ano da Escola Comercial e passaram para o 4.º.

O *Horizonte*, que é estudante da noite, frequentou o 1.º da Escola Comercial passando para o 2.º excepto em matemática que continua a ser o terror dos estudantes da nossa casa. *Rouxinol* frequentou o 3.º ano do Liceu e passou para o 4.º ano.

Agora era eu, mas esperemos um pouco e falemos do Teixeira que é estudante da noite e chefe da nossa Casa.

Frequentou o 3.º ano da Escola Comercial passou para o 4.º excepto em oficinas, o que não admira se lembrarmos aos caros leitores que todos os estudantes trabalham de dia em oficinas e ele não tem possibilidades para isso.

Para acabar, falo então da minha pessoa e começo por vos dizer que frequentei o 4.º ano do Liceu (no Externato Frei Agostinho da Cruz). E passei para o 5.º ano.

Mas devo dizer-vos que não estou satisfeito comigo próprio pois dou agora as mãos à palmatória pois vejo que não correspondi de modo algum ao sacrifício do Sr. Padre Acílio, da Obra, e da Sr. D. Cecília (que tão amável foi, deixando a sua família para nos aturar durante este ano). Uma Mãe para nós. Mas prometo que para o ano serei melhor.

Crisanto

SETÚBAL

— A nossa oficina de alfaiataria está sem mestre. Temos sentido bem essa falta. Cada um pensa em si e não se dá a ver e colaborar na formação doutros. O pessoal de fora é assim. Nós queremos rapazes nossos que chefiem e ensinem e ajudem a formar outros. Por isso foi o Octávio para Lisboa, tirar o curso de corte numa academia. Ele que veja bem o que se lhe dá e o que se lhe exige. Nós confiamos no brio dele, e na consciência de quem o ensina.

— Manhãzinha cedo. Eu estava a lavar-me. Nisto entram dois dos nossos, ofegantes, com cara de quem presenciou uma desgraça. Traziam entre as mãos duas andorinhas recém-nascidas: «Estavam debaixo do beiral do salão, e o ninho está escangalhado». Quis saber o nome do «criminoso» destruidor. Doeu-me a acção que outro praticou, mas lembrei-me que esse mal veio por bem. Tive ocasião de ir com eles colocar os dois passarinhos, em lugar que os pais os vissem. Entrou-me cá dentro o gesto de amor que houve nestes dois que eram o lixo da rua. Eles vêem bem o que é justo e o que é de lei.

— Fruta. Primeiro ameixas, agora é melancia ao almoço. Já a têm comido à merenda. Eu gosto muito de os ver a comer fruta daquela que é da nossa quinta. Tem havido tribunais por causa da fruta. Doi-nos muito quando a fruta é motivo de julgamento. O Teixeira tem castigado alguns. Pois hoje, tive um sabor especial, ao vê-lo distribuir as talhadas de melancia, por cada um deles. «A fruta é de todos».

— Têm vindo últimamente alguns rapazes. Tantos e tantos que precisam de nós, e não vêm ainda. Esperam que tu digas alguma coisa... Noutro dia, andei a rebuscar camas para os deitar. É preciso que eles tenham uma cama cada um, com lençois lavados, para que a educação e a formação tenha o seu sabor de lavado.

— Senhor Padre Acílio, quando tem ocasião, leva os rapazes aqui e ali a «passear». Ontem foram os que tratam das vacas. Foram até Lisboa, e foram ver uma grande vacaria, onde puderam ver e apreciar o que é ter uma vacaria bem limpa e o gado bem tratado. Assim eles ganhem amor pelo trabalho, e saibam cumprir um dia com o que agora lhe quer dar a nossa Obra.

Ernesto Pinto

TOJAL

CAMPO — Dá gosto olhar os nossos campos. No tempo do trigo era uma alegria. Todos esperavam o momento de poder pegar na foice, ir campo fora e ceifar. Levantávamo-nos cedinho. Em poucos dias ceifámo-lo todo. Hoje está pronto a ser moído e cozido para regalo e conforto daqueles que com tanto entusiasmo e carinho o ceifaram.

Agora é a batata. Graças a Deus estamos a ter muita e boa. Tractor com Marcelo ao volante tem feito o trabalho de remexer a terra e os do campo fazem o resto. Só um campo deu perto de 7 toneladas!

Também temos que dar graças a Deus pela fartura de nabiças que temos tido. Já se semearam mais para que não falte hortaliça para a sopa de todos os dias. E couves, e feijão lindíssimo, e tomates, e pepinos e tudo. Hoje dá gosto olhar os nossos campos.

FUTEBOL — Nós, como todas as equipas, estamos no período do defeso. Diga-se de passagem, que ele é bem merecido, pois tivemos uma actividade a todos os títulos cansativa. De toda ela, salientamos o magnífico comportamento no Torneio Monumental do Sport Club Frielas, (de boa organização, diga-se em abono da verdade) onde alcançámos um honroso segundo lugar, com o mesmo número de pontos do 1.º classificado e sem termos sofrido qualquer derrota. Mercê da correcção da nossa equipa, conquistámos brilhantemente a «Taça Simpatia». Ao longo do Torneio foi a nossa equipa considerada como a mais jovem e a que praticou melhor futebol nos sete jogos que disputou.

Fora do Torneio continuámos a alardear uma superioridade sobre todas as equipas que nos visitaram e neste aspecto entra também a nossa valorosa equipa de reservas, que venceu também todos os jogos que disputou.

Resta-nos acrescentar que a equipa não se pode deixar influenciar, porque a preparação de uma equipa de futebol deve ser levada muito a sério e actualmente é necessário lançar elementos jovens na equipa, devido à saída de três bons elementos. É necessário, pois, que todos contribuam com a melhor boa vontade e aplicação, tanto nos treinos semanais como nos jogos que tivermos de efectuar. Só assim conseguiremos manter em forma a equipa da nossa Casa do Tojal.

TRABALHO — Esta é uma época essencialmente difícil para as nossas oficinas, principalmente para a Tipografia. É uma tristeza para nós, verificarmos que as máquinas hoje não trabalham por falta de encomendas. E nós temos nas nossas oficinas máquinas de muito valor, que a manterem-se paradas não poderão tirar o rendimento necessário para uma parte do sustento desta nossa Casa do Tojal. Estou a escrever esta crónica na Tipografia. Ouço barulho. Não é das máquinas. São os rapazes que não têm que fazer. Eles gostam de trabalhar. Mas não têm. Eu tenho rapazes na oficina que se ahorrecem se não têm que fazer. Tenho-os mandado para outros trabalhos. Não posso mantê-los aqui sem que algo tenham para fazer. É uma tristeza. Quem nos ajuda?

Já tivemos oportunidade de agradecermos a alguns nossos amigos que nos têm dado algum do seu trabalho. Precisava de ter muitos nomes para citar nesta modesta crónica. Mas actualmente não tenho ninguém. Vamos esperar pelo vosso testemunho.

CONFERÊNCIA — No último número em que apareceu a crónica do Tojal, dissemos que a nossa Conferência não era digna de receber donativos porque os confrades se desinteressaram quase completamente da visita ao Pobre. Hoje o desinteresse é completo. Sou o primeiro a confessar-me culpado desta derrocada, porque talvez não tivesse incutido suficientemente o entusiasmo e sentido de responsabilidade aliado ao indispensável e importantíssimo espírito vicentino, nos confrades que me estavam confiados.

Mas porque uma Casa do Gaiato não pode nem deve existir sem a sua conferência vicentina, nós vamos tentar de novo. Já apelámos para a gente nova, precisamente no dia de S. Vicente de Paulo, e é de gente nova que precisamos para podermos seguir os princípios que regem as conferências: — o espírito vicentino. Deus queira que consigamos o nosso objectivo para bem dos nossos Pobres e de nós mesmos. Bem precisamos que algo de espiritual ocupe a nossa vida, para que os prazeres deste mundo não venham a amarfanhar alguma coisa de bom que exista no nosso coração.

SELOS USADOS — Há muito andávamos com intenção de lançarmos uma campanha de selos usados entre os nossos leitores. E porque há muita gente que recebe muita correspondência e não sabe o que há-de fazer aos selos, nós lembramos que o caminho a seguir é simples: Casa do Gaiato de Lisboa — Tojal (Loures). Uma vez cá serão recebidos e preparados com muito entusiasmo. Manuel dos Santos será o responsável por eles. A venda dos selos reverterá a favor da máquina da Tipografia.

Esperamos por isso a melhor colaboração dos nossos Amigos do Norte, Centro e Sul do País para a Campanha dos selos usados, a favor da máquina da Tipografia. Desde já agradecemos reconhecidamente.

EXAMES — Terminou mais um ano escolar. O balanço, para a nossa Casa do Tojal, foi bom. Assim temos a assinalar os seguintes resultados. Passaram da 3.ª para a 4.ª, 11 rapazes; exame da 4.ª classe, 7 rapazes; Preto e Quarenta fizeram a admissão; Alexandre e Marinho passaram do 1.º para o 2.º ano; António Zé fez o 3.º e o Luís passou para o 5.º ano. Esperamos que estes e mais os que vão entrar no novo ano lectivo saibam aproveitar a oportunidade que se lhes oferece de acautelarem o seu futuro, como homens de bem.

Cândido Pereira

AZURARA

Aqui, em Azurara, estou vivendo uns dias felizes na companhia de 3 dezenas de Gaiatos. Deste modo pude directamente conhecer a grande Obra do Pai Américo de que, até hoje, só mediante o que ouvia dizer ou o que lia nas páginas do «Gaiato», tinha algum conhecimento. Têm sido de facto dias inesquecíveis estes que vou passando rodeado por este grupo de rapazes que como quaisquer outros, brincam, trabalham, rezam, bulham e cantam.

Pelas 8 horas lá vai a bicha ao ribeiro apagar os vestígios de umas longas horas de descanso. Entretanto, toca o cano a chamá-los ao pequeno almoço findo o qual partem para a praia ou pinhal, conforme o tempo o permite. Chegados lá toca a brincar, rir, jogar e cantar. «Snr. Padre, eu quero ser cow-boy», «xerife», «bandido»; «Conte-nos uma historinha», «ensine-nos um jogo», etc.... De vez em quando forma-se um arraial de pancadaria porque «aquele tirou-me a bola» ou «arriou-me» ou «não me deixa jogar». Restabelecida a paz, tudo se prepara intensamente para novas lutas.

Na praia acontece o mesmo, mas o local presta-se para outras actividades: procuram-se mexilões e caranguejos para que «o conduto não seja uma foleirada»; buscam-se beijinhos e conchas e, diga-se de passagem, encontram-se por vezes verdadeiras preciosidades históricas e pré-históricas: «O tinteiro de Ramsés II com a respectiva pena», «a primeira lâmina usada pelo homem do Paleolítico», etc.... Da parte de tarde, após a sesta, o programa repete-se. Às vezes, estendidos na areia de papo para o ar, passam-se momentos dignos de registar. Um exemplo: Há roda à volta do «Quim Pançudo» cuja cabeça é também de volume respeitável. Um pede que encolha a barriga, outro que a alargue, um outro roga que a encolha de novo... e o jogo continuava quando a vontade de Zig-Zag se manifesta também: «Ó Quim encolhe também a cabeça». Gargalhada geral.

Por vezes, à mesa há passagens também anedóticas. Acende-se a luz e pergunta-se qual seria o motivo de tal acto. Renato responde logo, sem sombra de hesitação: «É para ver melhor as espinhas». Referia-se o miúdo ao bacalhau da farinha de pau.

Já que estamos com a mão na massa, ou melhor, na farinha, façamos uma referência aos cozinheiros. As mãos inexperientes do Sabão e C.ª, a substituir o Chico que partiu para o Porto, apresentaram-nos ontem um prato da tal mandioca que não lhes digo nada: se não encontrasse obstáculos naturais através do canal digestivo só pararia no estômago, tal era a sua baixa densidade. Mas, pelo contrário, hoje, apresentou-se na mesa um creme que para grude de sapateiro pouco faltava. Até custava a falar tal era a sua força aderente. Chegou-se a ouvir:

O nosso bom cozinheiro
Com trabalho duro e rude
Deu-nos creme sapateiro,
Muito parecido com grude.

Porém, antes de terminar, uma nota para o desporto do Gaiato.

A convite da Colónia do Snr. Padre Garrido, realizou-se no seu campo um desafio de futebol. Apesar da superioridade física e técnica dos donos da casa, os forasteiros não desonraram a sua equipa, nem o seu passado e presente gloriosos. Venceram por 3-2. Tó-Tó e Orlando jogaram algum tempo e foi o primeiro que não perdoou as 3 bolas da vitória. Os pequenos, porém, não ficaram apagados e assim, Jorge na baliza, Paulo na defesa, Zig-Zag e Braguita no centro e ataque, defenderam e deram que fazer ao poderoso adversário. A assistência por vezes delirou e a «T. V.», segundo parece, filmou algumas passagens do prélio.

E com isto dou por terminada a crónica. Bem haja a mão caritativa desta grande Obra e dos numerosos benfeitores que, fazendo felizes todos estes pequenos, beneficiam a Sociedade, dando-lhe amanhã os homens úteis de que precisa.

Adelino e C.ª

BEIRE

Começaram as férias e com elas, as praias. Foram todos para a praia, só ficámos cá onze, o que torna o nosso trabalho um pouco mais duro, visto sermos poucos e termos de fazer o trabalho de quarenta.

FESTAS — Pelo S. Pedro aquilo é que foi! Foram bichas e mais bichas para toda a malta, que no campo de jogos não cessava de as deitar. O teatro foi um pouco pequeno, foi só para alegrar os doentinhos do Calvário, que o vieram ver. No fim deitámos dois balões. O primeiro, subiu duas vezes tendo caído depois de subir, práticamente no mesmo sítio; à terceira, ardeu. O segundo, na primeira vez, subiu logo, elevou-se bastante e foi cair fora da nossa quinta, ficando de pé, mas apagado. No outro dia, algumas mulherzitas foram sachar para esse sítio e, ao verem o balão ficaram cheias de medo, começaram por sachar à volta e assim se iam aproximando. Como tinham de sachar aquele local, resolveram tirar aquele «monstro», como elas lhe chamavam; mas tão amedrontadas estavam, que só o tiraram com o cabo da sachola e... de longe, para poderem fugir. Para nós, isto tudo presenciado foi uma risota.

FUTEBOL — Depois da saída de alguns dos nossos melhores elementos, ficámos com a nossa equipa de futebol arruinada; mas os pequenos também querem aprender a jogar, mas não têm bolas! Por isso daqui solicitamos aos nossos amigos leitores que nos mandem alguma bola, mesmo de borracha. Tudo serve...

EXAMES — Das passagens e exames feitos, tudo ficou bem. Três, com o exame da 4.ª classe, foram já para as suas respectivas casas. Mas já estão mais cinco para irem também. Nas passagens liceais, dos nossos dois representantes o Virgílio passou para o 4.º ano e o Henrique para o 2.º ano, por isso ficou tudo bem. Isto é sempre a andar...

COLHEITAS — Este ano vamos ter umas grandes colheitas. Quem sobe ou desce a nossa avenida depara com as ramadas carregadas de uvas; pelos vistos, vamos ter bastante vinho. Tivemos também ameixas até não querer mais. Pêssegos vamos também ter bastantes, a malta já lhe anda a dar a voltinha. E castanhas não faltarão. Os castanheiros estão carregados. O nosso milho está bastante desenvolvido, vamos ter milho para todo o ano e ainda sobra. O centeio é que perdeu em relação à palha, pois era só palha. Mas o trigo... tem que se lhe diga, é de se lhe tirar o chapéu.

— Acabadas que sejam as obras do Calvário, começarão cá em baixo, onde tudo será renovado para haver carpintaria, sapataria, alfaiataria, vassouraria, etc.

— É grande a resignação, com que os doentinhos do Calvário sofrem, e esperam o seu fim. Alguns, mesmo à custa de grandes esforços, ainda trabalham, outros, não podendo, estão nos seus leitos ou nas suas cadeiras, a padecer a sua doença finita, sim, porque ela um dia acabará, e desse dia em diante será a sua glória, o seu gozo e o seu descanso. No Calvário, não há a menor dúvida, está o coração da Obra do Pai Américo...

«Pilico»

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

A ausência foi grande. Talvez só eu a sentisse. Quando nos apaixonamos, são duras as saudades e violentos os choques. Enfim, sinto-me feliz por voltar às colunas do Famoso.

A vida do nosso Lar tem felicidade, graças a Deus. Podia ter mais e terá por certo. Há muito que trabalhar e contribuir.

Há esperança e isto já é muito.

O caminho é duro e longo — cheio de espinhos ameaçadores; irregular e pedregoso, onde se tropeça aqui e acolá e até se cai, por vezes.

Quando se cai — não é para continuarmos caídos. Eis o que tem custado.

No tempo das aulas reina em Casa o maior cuidado e dúvida dos superiores, sobre o comportamento e consciência sincera de cada rapaz. É a paixão que nos faz temer — tem sido a experiência a ditar-nos este tema de atalaia.

Vejamos dois casos, duas vidas igualmente desfeitas.

Dois rapazes frequentavam as aulas nocturnas. Tinham a sua hora de saída e de entrada em casa. Tudo certo e bem disfarçado.

A determinada altura, a meio do ano lectivo, tanto um como outro, estavam reprovados pelo elevadíssimo número de faltas dadas à assistência às aulas.

Chamam-se à atenção. Dá-se castigo e obriga-se a que frequentem até final do ano as escolas. Uns dias apenas — e ei-los resignados a fugir e a abandonar a nossa Casa. Andam por lá. Um deles veio pedir a Casa que lhe matássemos a fome!... Tudo nele comovia!!! Custa ver assim rapazes com qualidades suficientes para serem homens de parecer... Inteligência nestes dois factos, rapazes. Examinai e preparai as vossas consciências para o próximo ano lectivo.

x x x

O nosso prédio quase em ruínas está em reconstrução e dentro em pouco estará completamente reconstruido. Será um tanto reforçado, visto o avanço das obras ir na marcha do caracol. De qualquer forma, no tempo, será breve.

x x x

Os nossos estudantes — muitos deles estão de parabéns: o Alberto e o Ramada; o Adolfo e o Pílico; o Jaimito em maior extensão. Os Rapazes do Infante reprovaram todos. São quatro no total. Que desgraça! Não notei arrependimento sincero senão no Mirandela. Onde vai esse interesse? Eu não fui tão feliz quanto desejava e vejo nisto uma prova de Deus no meu caminho. Considero por tudo isto, obra providencial. Às vezes, custa ver em todas as coisas a vontade de Deus!... O Pai do Céu me dirá no futuro, já que tanto permite eu sofrer e meditar. Acção de Graças.

Zé do Porto

PAÇO DE SOUSA

ALEGRIA — Nestes lindos dias de verão a nossa bela Aldeia de Paço de Sousa está em festa. Tudo nos canta e sorri. Tudo é melhor e mais grave. Estes pequeninos nadas que deparamos a todos os momentos são para nós fonte inexgotável. A Casa do Gaiato é para todos Vida. Estes belos quadros que se desenham. Estes amores pequeninos que crescem. As aves que cantam diferente. Os campos que são o nosso regalo, apesar do muito e árduo trabalho que dão. As avenidas limpinhas a dar outro gosto. As fruteiras carregadinhas. Os que cantam. Os que trabalham, os que brincam, choram, rezam. Aqueles que mesmo neste momento estão a escorregar em cima de tábuas, na ribanceira que dá para a Tipografia. A nossa Casa é luz sobre os homens. A Casa do Gaiato é amor e Família. Sem ela até Portugal era mais triste!

FRUTA — Primeiro foram as ameixas. Depois os pêssegos de S. João que todos nos regalamos de comer. Agora são mais pêssegos. Temos a anotar que várias vezes... O João de Setúbal, idem ao par... Martins não pode dizer que não... O Preto andava *só a ver*... Pipas e o Chico da Tipografia já foram a eles. O Ernesto *desenrascou-se*. *Capitão* já lhes deu uma piscadela... Reis disse que sim. O *Bojarda* é dos mais *zelosos*. Nequita, para aqueles lados não quer companhia de ninguém... Sepadre Manuel coça a cabeça. É que Sepadre Carlos está em África e quer que tudo corra melhor, mas a *música* é de todos os anos.

TOMATES — Temos muitos e dos bons. Daqueles de qualidade. A melhor e mais produtiva que o *patrono* das lavouras teve esse cuidado. Os viajantes começaram a rondar e entre os *excursionistas* nos encontramos nós que, ao abrigo da *lei da imprensa* somos obrigados a confessar! Oxalá que o crescimento das plantas seja total e que lhes não pegue a *moléstia!*

NOSSOS — A família continua a crescer. Já temos mais dois sobrinhos, qual deles o mais bonito. Qual deles o melhor. São os dois uma *grande categoria!* O do Júlio Mendes que com este é o quarto rapaz. Muito forte, engraçado, belo como os outros irmãozitos. «Mas haverá pai mais feliz, com o amor de todos estes rapazes?»

O outro é o primeiro filho do Carlitos, também muito bom e belo. Os pais estão enternecidos, contentes, gostam mais da vida e sentem-se mais presos por estes fortes traços de união entre Família, Obra e Alto! Aos pais, os nossos parabéns. E, como somos da família, o abraço *ritual*.

PINTO — Está a viver na sua nova casa que é muito boa, limpa e airosa, que faz a família ser MAIS! Convoca-nos para ir a sua casa e ficamos encantados com tudo o que se nos deu observar. Ficámos melhores, mais unidos, com vontade muito natural, de fazer o mesmo!

TIPOGRAFIA — O nosso Miguel Nadais, que trabalhava com a Johannisberg, foi para o Porto onde está empregado em Casa de um dos nossos melhores e mais fiéis amigos, Senhor José Lello. Muito dedicado, cuidadoso, honesto, com vontade indómita para vencer. Temos a certeza de que será mais um valor positivo que a casa lançará.

Também para lá foram o Eurico e Zé Augusto, este último ainda a começar, mas temos a grande esperança de amanhã os vermos sorrir para a vida. Trabalho, dedicação, devoção ao trabalho que é como quem fala a Deus, honestidade, lealdade para com os patrões e empregados. Aproveitar o tempo cem por cento para que os superiores ajudem na justa medida.

FUTEBOL — Tivemos uns casos um pouco desagradáveis a que tivemos, como era evidente, de pôr cobro para ver se a coisa tomava outro rumo. Com a vontade de todos, em especial do Martins, Miguel, Ramada, Costa, Caetano e mais, o panorama já se modificou ainda para melhor e aqui fica expressa a nossa gratidão e modesta homenagem. Assim dá gosto trabalhar! Não podia esquecer a vontade do chefe Américo que tem mostrado muito boa vontade em colaborar. O nosso sincero muito obrigado.

LEITURAS — A uma Senhora muito amiga, de Coimbra, leitora desde a primeira hora, dizemos que as leituras que tem enviado são muito instrutivas e boas. Se quiser, pode continuar a enviar, pois nós gostamos. E muito obrigado.

daniel

BELEM

Esta é a continuação da nota de presenças do número anterior, que vai até 31 de Julho.

A *Campanha dos Bonecos* continua pelos liceus, colégios e escolas da Capital. Bom seria que ela se estendesse a todos os liceus, colégios e escolas do País. Faz bem à alma ver a gente moça empenhada na resolução de problemas como o da Casa Nova para as belenitas. O facto constitui fonte de esperança no porvir e anima os que já aguentam sobre os ombros pesados fardos de responsabilidade.

Ora leiam, Senhoras e Senhores, em primeiro lugar estas breves linhas da feliz Iniciadora da Campanha, que tem continuado escondida, qual semente que a terra encobre, para que possa germinar e dar fruto. E é com certeza por isso que a Campanha tem dado tanto fruto.

«No desejo de contribuir para a aquisição da nossa Casa, *a minha Casa*, junto envio esta modesta quantia — 4.020$00 — na esperança de que a semente jamais termine».

«P. S. — Junto envio mais um vale de 152$00, fecho das contas da festa do Liceu Maria Amália».

Segue no uso da palavra uma alma do Colégio de Nossa Senhora da Assunção, de Anadia, em nome de todas:

«Há muito que seguimos os seus anseios e preocupações e há em muitas de nós o desejo de ajudar...

Hoje, perante a necessidade imperiosa da compra da nossa futura Casa, temos que marcar presença com umas migalhinhas, produto da venda duns bonequinhos que todas nós desejamos usar ao peito e que em breve outros colégios e liceus usarão também, como prova do que cada uma juntou ao monte de quantitativos que desejamos ver crescer ràpidamente». Vale de 232$50.

A seguir marca presença o Colégio de Odivelas, com vale de 101$20.

«Junto envio este vale, produto da Campanha dos Bonequinhos no Colégio de Odivelas, com muita pena de ser uma tão pequena migalhinha... Faço votos por que continuem a chover as migalhinhas».

Que Deus a ouça e a todas pague cem por um.

Mas esperem! Será que a Campanha já chegou a Coimbra? Tenho aqui um cartão duma Irmã do Colégio da Rainha Santa Isabel, a dizer que envia 243$00, produto duma venda da qual foi encarregada uma aluna. Será a Campanha dos bonequinhos em marcha? Deus queira! Desde que chegue à Beira, da Beira ao Porto é um salto. E se alguma leva o archote aceso até lá e pega o fogo, então é que vai ser!

Sacerdote do Seminário Diocesano de Fátima «envia um cheque de 200$ para a Casa Nova, em Acção de Graças pelos aniversários da ordenação sacerdotal e Missa Nova, há pouco ocorridos. Que o Senhor vos abençoe e ajude».

170$ de uma mãe admiradora da maravilhosa Obra do Pai Américo, mas que tem uma especial ternura por Belém, talvez porque tem 3 filhas».

Vale de 200$ de Paço de Sousa. Um de 50 de Delgada e outro iual de Gina Maria. Por intermédio de Maria Helena, 50 mais 50. Senhora de África enviou 220$ para uma telha, por intermédio de Família de Viseu. O anónimo de Lisboa não faltou com a prometida nota de 50. O Pai de Gracindinha, antes de começar o mês, já cá estava com a sua quota de Agosto e peras para as belenitas.

Senhora Visiense entregou 500$

Beatriz Maria, de Coimbra, voltou com 100 mais 50, pedindo orações.

Um funcionário dos Serviços Hidráulicos de Elvas voltou a marcar presença com 50.

«Tendo recebido um dinheiro dum trabalho particular que fiz — eu sou um modesto funcionário do Estado — não esqueci os que ainda precisam bem mais do que eu, pelo que para a nossa simpática Obra destinei a nota que junto».

E, para finalizar, dou a todos os Amigos de Belém a boa notícia de que recebemos, pelo Fundo de Socorro Social a quantia de 100 contos, como primeiro subsídio do Estado para a compra da Casa Nova.

Depois de feitas as contas verificamos que, desta vez, podemos pôr de parte, para a nossa compra, a quantia de 111 contos.

Ficamos, pois, a precisar só de:

750.000$00
—111.000$00
———————
639.000$00

Inês — Belém — Viseu

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA — Os senhores tripeiros distinguiram-se. Não se desmazelaram. Nem adormeceram. E conseguiram, hoje, superar, um nadinha, os senhores da capital!

Mas Lisboa vai responder com mais intensidade. É um mundo incomensurável que o *Famoso* está longe de conquistar.

DO MINHO AO ALGARVE — A procissão continua. E com um entusiasmo satisfatório. De tal forma que, de Alhandra, uma devota da primeira linha faz a seguinte pergunta:

«Porque tem o vosso jornal tão poucas folhas e só sai de quinze em quinze dias...? Não digo mais, mas ao menos de 8 em 8 dias, pois tínhamos sempre que aprender, e o que é doutrina, nunca é demais».

Ao longo do historial do *Famoso* quantas bocas afinam pelo mesmo desejo! Mas, tenham paciência, vamo-nos contentando com a periodicidade habitual. De contrário seria mais um quebra-cabeças para a nossa *desorganização organizada*.

Temos Bóbeda (Chaves), Santarém, Ervedal, Vizela e Sintra, que pede, inclusivè, as *condições da assinatura*. Pois até neste ponto o *Famoso* é um caso *sui generis*. A grande maioria sabe. Não tem condições — porque não é um periódico comercial. Mas uma voz que se levanta, de quinze em quinze dias, a clamar Justiça e Caridade para os Pobres e oprimidos. «Ele é cego e surdo para as chamadas coisas grandes e tem na ponta da língua as pequenas. Dá sinal. Berra. Defende. Por isso não admira a sua expansão. Não admira que ele faça *apaixonados*», — disse Pai Américo.

Mais Coimbra e Bragança, que solicita a *fineza de começar a enviar o jornal tão breve quanto possível*. Ó ansiedade! Pois descanse; já foi em grande velocidade. Mais Carrazedo de Montenegro, Famalicão e Olho Marinho, que afirma: «Esta é a segunda assinatura que consigo. É muito pouco, mas sinto-me satisfeita, porque é alguma coisa e continuarei». Se todos, melhor, se a maioria seguisse o exemplo? Ó revolução! Porquê? Por via daquele *continuarei*. É um futuro presente. Um futuro activo e realizador. Quem dera que todos a oiçam, minha senhora!

Temos, ainda, Chaves e Matozinhos e Mòselos (Santa Maria de Lamas); mais Cacém, Crestuma, Caldas da Rainha, Lamego e Belas.

ULTRAMAR — Moçambique é um caso aparte, nos domínios da *Campanha de Assinaturas*. Temos lá gente verdadeiramente *apaixonada!* Eis:

«Sabe o que faço aos «Gaiatos» depois de os ter lido? A um canto escrevo-lhes: leia, assine e passe a um amigo. Colo-lhes uma cinta de papel, na qual escrevo uma direcção qualquer e ponho-os no correio. Tenho esperança que deste modo conseguirei algumas assinaturas e farei com que a doutrina de «O Gaiato» seja mais conhecida e amada».

Ora aqui está mais um dos vários processos práticos de fazer conhecer o *Famoso* mais *desordeiro* da História de Portugal! A carta veio de Lourenço Marques. E, além desta, outras e outras, com mais e mais gente fresca. Viva Lourenço Marques!

Júlio Mendes

VISTAS DE DENTRO

«O Gaiato» Avença

ANO XIX — N.º 481 ★ 18 DE AGOSTO DE 1962

O regime de comunhão de bens *aqui em casa passa das marcas. Eu já nem sei se ele é virtude, se defeito...*

Os sapateiros são os mais avançados. *Se alguém não tem sapatos e vai lá protestar, eles pegam nos primeiros disponíveis e... «toma lá!» Sucede assim que, às vezes, Snr. Padre Manuel ou eu, trazemos os dos pés muito desengraxados e tendo de sair, vamos por outros mais limpinhos. Que é deles? Andam nos pés deste ou daquele... Claro que «a mordedura de cão vai curar-se com pêlo do mesmo cão»... E os sapateiros pegam nuns que sirvam e servem-nos.*

De sorte: se, «quem o alheio veste, na praça o despe», até nós andamos muita vez correndo este risco!

Mas não são só os sapatos. Nas capoeiras vai uma «cooperativa» nunca vista! São as mulheres dos já casados, é a Senhora do Lar, é o Carlitos, inspector-mor dos galinheiros, creio que também são até vizinhos.

Como nós temos espécies de raça, emprestam-se galos; trocam-se galinhas; tiram-se pintos, a meias; há negociatas de ovos de raça por ovos que a não têm; trazem-se para a nossa criadeira pintos de fora...

É uma trapalhada tal, que eu quis entender, mas desisti! E o mais grave é que desisti sem perceber nada da conta lucros e perdas *do nosso galinheiro com pretensões a semi-industrial!*

✶

DANIEL *adoptou uma resolução na Tipografia: Quantos livros e revistas de histórias aos quadradinhos ele encontra lá pelos cantos e gavetas, quantos ele rasga e bota ao caixote do papel.*

Eu estou de alma e coração com ele. Primeiro, evitam-se muitas tentações de leitura à socapa nas horas de trabalho; depois, é a banalidade, que eu reputo extremamente deformante, das histórias aos quadradinhos. (Quem me dera que as Autoridades competentes decretassem sentença de morte e reduzissem de 95% tais edições!)

O pior é que, com publicações destas, às vezes, calha à mistura um livro bom que tem a mesma sorte dos outros: rasgado em bocadinhos... e caixote.

Ora Snr. Padre Manuel é o bibliotecário-mor desta Casa do Gaiato. Ele o depositário dos livros sérios, quer sejam de formação, quer de recreio. Ele que de vez em quando vai à Livraria renovar o fornecimento — e sabe quanto eles custam, mesmo com o desconto excepcional que livreiro amigo nos faz.

De modo que, para grandes males grandes remédios, e contra medidas drásticas do Daniel, delas drásticas e meia do Snr. Padre Manuel:

«Eu já não empresto mais livros aos Tipógrafos».

Lá se vai a cultura dos mais literatos cidadãos desta Casa!

✶

QUEM *dera que essa tarefa, tão simples em teoria quão difícil de pôr em prática, que se chama* correcção fraterna, *fosse uma realidade viva nas nossas comunidades. Quantos males se evitariam!... Quantos se denunciariam antes que fosse tarde demais!...*

Em todo o caso, se nem sempre, algumas vezes vai-se exercendo este método tão cristão de luta contra as más tendências e de aproveitamento das boas!

Há bocado entrou-me pela porta dentro o Zé Carlos, um pequenito que veio há pouco e pelos vistos, ficou impressionado com as exortações *ouvidas a respeito da fruta e do respeito a ela devido.*

Tocara já para a refeição do meio-dia. O grosso da comunidade reunira-se à porta do refeitório. Fernando «pencudo», — que a sabe toda! — aproveitou a maré e foi aos pêssegos. O «Gordo» passava e viu. Fernando, temendo a testemunha resolveu comprar *o «Gordo» que, — vergonha para ele! — não se fez caro. Comeu dois pêssegos e deu um ao «Gordo».*

De sorte que, com aquele aperitivo, o Chefe, à entrada do refeitório, deu-lhes o prato forte!

✶

JÁ *que estamos em maré de* correcção fraterna, *eu exibo aqui esta «chega» do Senhor Manuel Pinto, encontrada sobre a secretária do* senhor director:

«Às 9 e 50, passei por este escritório e verifiquei que o telefone não estava ligado para onde houvesse gente para atender.

Depois, perdem-se as chamadas!...»

Ora tome, senhor director, *o salário de ter acumulado o lugar de telefonista!*

✶

DEI *uma volta pelas oficinas a despedir-me antes do mês de ausência que me espera. No Alfaiate, grande zaragata. É a oficina dos fraquitos oficiais da Casa. O Américo, que é o Chefe maioral, é o rei dos «faz-barulho»!*

Ao lado moram os sapateiros. Nunca estão sós. Se um em férias, se outro manco, se alguém de braço ao peito, se em convalescença — tudo ali cai... a empatar quem trabalha. Ainda não percebi o gosto que há no sapateiro, para, desde tempos imemoriais, ser assim o clube cá da Aldeia!

Nos carpinteiros — vá! — havia grande azáfama. Dos ferreiros, prefiro nem dizer, diante da minha oficina, *nos tempos felizes e descuidados em que me iniciei aqui ao pé de Pai Américo!*

O tear em serviço está a trabalhar, sob o olhar vigilante do Domingos, que também tem lá os seus compadrios prás bandas da sapataria.

Na Tipografia tudo a andar. «A Voz dos Novos» era o centro das actividades na composição.

Na Administração do Jornal, expediam-se, ao mesmo tempo, dois: «O Gaiato» e «Auto-Construção». Eu sempre queria saber das queixas dos assinantes de ambos na próxima quinzena!...

Na Encadernação, arrumam-se os últimos exemplares de «O Pão dos Pobres», e um dos «artistas» estava em cima da guilhotina arrumando os lotes a cortar, de tamanho que ele é! Vejam os senhores como Deus é por nós, que ainda nenhum se distraiu e cortou um pé, em vez de papel!

Da Lavoura, não falo. Aí pontifica Senhor Padre Manuel. E eu sou tão zero no assunto, que nem me arrisco a profanar!...

Dissemos que Auto-Construção para dar *três* exige *nove. Alguns escandalizaram-se. Ainda não compreenderam bem. Lá chegaremos. Ora vamos a ver se damos mais um passo em frente na explicação desta exigência. Auto-Construção* não faz casas para dar. *Fixemos bem esta verdade fundamental. Auto-Construção não faz casas para dar. Pretende sim,* orientar, organizar, estimular, *e, na medida das suas possibilidades,* ajudar *jovens trabalhadores pobres a fazerem* eles mesmos e para si próprios — sempre reunidos em grupos — *as suas habitações. O auxílio que tem dado, que está a dar e que deseja continuar a dar é apenas um* estímulo, *deixemos passar a palavra, é apenas a* isca *para os trabalhadores pegarem. Compreende-se bem que assim seja. Cada trabalhador se não for orientado e estimulado e mesmo ajudado,* não se juntará aos seus companheiros *para formar equipa. Só rapazes de elite—que serão em toda a parte excepções — o fariam. Infelizmente temos de partir deste princípio, destes dados que a experiência em toda a parte confirma: cada um procura resolver os seus problemas* só *ou, ao máximo, no* âmbito familiar. *Para se passar* à formação do grupo, da equipa, *— o que forma a essência da Auto-Construção — tem que haver um enormíssimo trabalho de* educação *e de* organização. *Ao mesmo tempo será muito conveniente que exista uma* ajuda estímulo. *Mais tarde, quando houver obras feitas em diversas terras, esse auxílio estímulo poderá ser muito, muitíssimo menor. Mas será quando os* actos falarem *quando as* realizações *forem evidentes e eloquentes. Até lá temos de dar três e exigir nove. É esta talvez a melhor maneira de resolver o problema da habitação das classes humildes.* Não os auxiliar é deixá-*los parados, resignados na miséria.* Dar demais *seria favorecer o desleixo e limitar a modalidade a meia dúzia de privilegiados. Não sabemos qual destas duas soluções seria pior. Nós já escolhemos.* Dar três e exigir nove. *Auto-Construção não se destina apenas a uma terra ou mesmo a uma região. É um movimento que poderá existir em* toda a parte, *tanto nas aldeias, como nas vilas, como nas cidades. Em toda a parte há jovens trabalhadores ou homens recentemente casados e pobres que* orientados, agrupados e ajudados, *serão capazes de construir as suas próprias casas.*

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira)

Padre Fonseca

Filhos de pai incógnito

Talvez que este grito, que tem estado «sufocado» por vários motivos, seja de novo um chamamento para uns e revolta para outros. Ideias e pareceres chegaram por meio de cartas; preces e lamúrias vieram até nós. Aqui e ali onde temos os nossos Pobres, vemos a miséria que nos fornece este registo duma carreira tão degradante, que fabrica revoltas e revoltados, gente que tem sede de Justiça, e não sabe como mitigá-la, porque a devassidão e a indiferença duns, afogam a inocência doutros. A legião dos incognoscíveis e das mulheres enganadas, é obra duma degradação e duma delinquência de todos nós.

Não haverá maneira de diminuir a mancha venenosa?

Pai Américo diz que sim: «...Uma lei simples, severa, eficaz. Lei da alcada do Regedor e a Vox Populi *por testemunha. Tornar responsáveis o homem e a mulher, aquele em primeiro lugar, por ser a parte mais forte. Os passos que eles viessem a dar e sacrifícios que sofressem, seriam por si mesmo reparação adequada».*

Aqui está: Castigue-se quem tem culpas; à criança, não se pode dar a conhecer e a tomar parte na infâmia dos pais. Esta tem que ser defendida. Não fiquemos de braços cruzados, sem tentar algo com que possamos salvaguardar dum mal muito grande as crianças que nascem «sem» pai, e as mulheres enganadas, por fraqueza que são atiradas prá viela como último recurso contra o escândalo.

Para ver se podes dizer alguma coisa, dou-te esta carta pra leres, e veres quanto ela pede Justiça.

«Ao ler o V. número 459 de 14 do corrente em que inserem o artigo com o título «Filhos de pai incógnito», e estando eu numa situação, se não igual, é pior, pois que ao cabo de a minha mulher me ser infiel, (está a decorrer no tribunal a separação) vi-me obrigado a ir buscar uma mulher, pois não tenho mãe e precisava de quem me desse carinho. Felizmente tão bem sucedido fui, que vivo nas melhores relações com a minha querida mulher, junto de minha filha. Sucede que ela — a minha mulher — é solteira. Ao termos a NOSSA filha, tive que a registar com o tal «pai incógnito», sabendo de antemão que é minha e que a mais ninguém pertence.

Já a registei secretamente, mas não chega, pois na sua caderneta figura o mesmo pai incógnito. Agora vai para a escola. Que desgosto não será o dela quando se aperceber que não tem na cédula o nome do seu Pai? Será ela capaz de acreditar no que se passou? Duvido.»...

Que desgosto não será? Que perturbações e que ideias formará um dia esta criança a respeito da Justiça! Não vemos bem a culpa dos pais, porque a inocência da filha nos mostra de onde parte o grande mal. Por isso não se desculpam as faltas dos pais. Já que condenamos os que fogem à responsabilidade de perfilhar, é de pura Justiça ir ao encontro do desejo manifestado por este pai: perfilhar o filho que é seu. Onde está a dificuldade, se ele quer? Nós pedimos muito aos estudiosos, que lancem os olhos e a consciência sobre estes problemas, que nos doiem por amor aos inocentes, e por via da chaga que sangra, por vermos tanta miséria proveniente das facilidades.

Qual é então a receita?

Ernesto Pinto